

ATÉ QUE A MORTE OS UNA - UNIVAP 2006

Elizete Wenzel Moreira¹, Ivone Placoná Bertin²

¹Universidade do Vale do Paraíba-UNIVAP, Faculdade de Odontologia de São José dos Campos – FOSJC-UNESP/ Assistente Social e aluna da Pós-Graduação Lato Sensu, Endereço, elizete@fosjc.unesp.br

²Universidade do Vale do Paraíba-UNIVAP/ Coordenadora do Curso de Terapia Familiar da Pós-Graduação Lato Sensu, Endereço, ibertin@uol.com.br

Resumo - Este artigo foi extraído da monografia de conclusão do Curso de Terapia Familiar da Pós-Graduação Lato Sensu/UNIVAP, para a qual realizamos uma pesquisa qualitativa cujo objeto de estudo foi o processo terapêutico de uma família na abordagem sistêmica. O interesse por este estudo surgiu da prática profissional como Assistente Social da Faculdade de Odontologia da UNESP, que durante o acompanhamento de pessoas portadoras de câncer surpreendeu-nos a notícia da fuga de um paciente que ao receber a informação de seu diagnóstico de câncer abandona sua companheira no ambulatório da Unidade, decorrendo daí a nossa intervenção. O título “Até que a morte os una” é um produto do que não se pode prever e se refere ao movimento do casal durante o processo terapêutico. Uma relação pautada na fuga e no abandono, ao longo dos atendimentos pôde ser transformada permitindo emergir no sistema outras possibilidades que propiciaram o surgimento da vida e, conseqüentemente, um novo arranjo conjugal e familiar. Uma experiência que contribuiu para articular os conceitos sistêmicos e cibernéticos aplicados à prática de terapia familiar.

Palavras-chave: pensamento sistêmico-cibernético; pauta de interação; terapia familiar; diagnóstico.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

As dificuldades observadas no ato de informar e receber um diagnóstico de câncer podem ser dimensionadas através do seguinte acontecimento: O paciente impactado com a informação “é câncer”, saiu correndo do consultório do dentista que acabara de lhe transmitir a notícia, abandonando a companheira que o aguardava. O dentista assustado com o que presenciava, acionou a Assistente Social da Unidade. Para nós, enquanto profissionais essa fuga repentina surgiu como um fato novo e inesperado. Uma cena que nos demonstra as particularidades que envolvem esse processo.

Estávamos diante do caso de um câncer em estágio muito avançado e com um prognóstico tão comprometido que, frente à incerteza do sucesso no tratamento médico, não podíamos pensar em nada mais além, que a certeza de sua morte. No entanto, o impacto da informação de uma doença que sentencia a morte e suas repercussões na família, nos demonstra a imprevisibilidade do sistema e, como disse Bateson, “infelizmente (ou talvez felizmente) as coisas são de forma que o fato seguinte nunca é disponível. Tudo que vocês têm é a esperança na simplicidade, e o fato seguinte poderá sempre levá-los ao nível seguinte de complexidade” (1986, p.34).

Considerando a família com um sistema em interação, conforme Andolfi (1980) a alteração em um de seus elementos interfere na dinâmica das

relações do sistema como um todo, assim como no sistema terapêutico os sentimentos que emergiram em cada elemento que o compõe “não remetem unicamente à história dessa pessoa. Trata-se, evidentemente, de um vivido singular, porém ampliado e mantido por um contexto, de maneira que aquilo que um dos protagonistas do sistema terapêutico vive é, simultaneamente, ligado a ele e não redutível a ele” (ELKAIN, 1990, p.163).

Assim, o título “Até que a morte os una”, é um produto do que não se pode prever e se refere ao movimento realizado pelo casal, que ao ter confirmado o diagnóstico de câncer no companheiro, se dirigiu imediatamente ao cartório civil para se inteirar sobre os procedimentos necessários para realizar o casamento para oficializar uma relação de vinte e sete anos. Se câncer é sinônimo de morte e o casamento de acordo com os preceitos religiosos só por ela pode ser dissolvido: O que levou o casal a querer se unir, na iminência de separar-se?

Materiais e Métodos

A família Silva, objeto deste estudo é composta pelo paciente, Osmar de 53 anos, operador de bate-estaca, sua amasia, Elza de 53 anos, arrumadeira. Moram juntos há 27 anos e dessa união tiveram três filhos: um filho de 26 anos, casado.; uma filha de 24 anos, amasiada e com 4 filhos e; a filha caçula de 14 anos, estudante.

Os atendimentos foram semanais e se deram inicialmente em consultório e, posteriormente, na própria residência da família em função das condições de saúde do paciente.

Este trabalho foi desenvolvido de acordo com os procedimentos metodológicos aplicados à pesquisa qualitativa e os dados foram coletados das sessões realizadas com a família e, dentre elas, seis foram selecionadas para que pudessem melhor elucidar os temas desenvolvidos. Entre as sessões selecionadas uma delas contou com a participação da supervisora posicionada atrás do espelho unidirecional.

As sessões foram gravadas e transcritas integrais e literalmente para preservar a fidedignidade dos dados. A família nos deu autorização escrita para utilizarmos seu caso para fins de estudo e pesquisa. Para preservar a identificação de seus membros e respeitar a ética profissional, todos os nomes utilizados são fictícios.

A análise dos temas abordados foi realizada de acordo com os fundamentos teóricos da metodologia sistêmica-cibernética aplicados à terapia familiar.

Resultados

De acordo com o pensamento sistêmico-cibernético, não podemos prever o movimento do sistema e nem prever os desdobramentos que um sistema pode operar. Nesse sentido, no início da terapia, quando houve uma aparente melhora do paciente, a família tomou outro rumo e, neste redirecionamento, pudemos perceber que seus membros deixaram de falar sobre o câncer, seus medos e angústias e colocaram seu foco de atenção no caminho para a vida. A família pôde desfrutar do aconchego, criou um espaço onde pôde dialogar sobre vários temas que por muito tempo foram ocultados pela vergonha e outros pelos conflitos gerados pela dificuldade de diálogo.

A afetividade do casal foi se reconstruindo na medida em que a terapia pôde proporcionar o espaço das conversações, e também, quando formulávamos perguntas que remetiam as suas histórias, e em que eles sentiam liberdade e confiança para falarem de seus sentimentos.

Existiam fatos que durante todo este tempo de união, permaneceram ocultados, como segredos. Quando lhes perguntamos o que fazia não conversarem sobre estes assuntos, justificaram ser pela timidez e vergonha. Um funcionamento que os mantinham juntos, porém separados.

Na dinâmica do casal pudemos identificar que esta família tem sua história pautada na complementaridade da fuga e abandono.

Um movimento que nos mostra a recursividade da pauta de interação do casal: Ele foge, ela fica com raiva. Ele retorna, ela fica indiferente. Sem

atenção, ele bebe e torna a sair e, assim, recursivamente o sistema conjugal se retroalimentava.

Um pouco antes de saber sobre o câncer, Osmar saiu de casa. Elza só pôde perceber sua importância durante este período em que ele esteve ausente. Uma ausência necessária que marcou sua presença, pois ao se sentir abandonada, pediu o seu retorno. Entre outras várias ocorrências, podemos visualizar aqui, o paradoxo da presença na ausência, como uma das temáticas subjacentes à pauta de interação conjugal.

A conjugalidade, no sentido de compartilhar suas vivências e experiências para eles se tornava praticamente impossível diante da pauta da fuga e abandono e pela qual só podiam perceber a falta, durante a ausência.

Se considerarmos o câncer como sinônimo de morte, podemos pensar que quando Osmar recebeu a sentença de morte, fugiu. Uma atitude de abandono: abandona a companheira e se abandona na morte, antes de ser abandonado pela vida.

Parece que foi a informação e, posteriormente, a constatação da doença que levou o casal a resolver algumas pendências e, entre elas, direcionar a relação que já durava vinte e sete anos, para o casamento.

Em decorrência desse movimento, a imprevisibilidade do sistema criou um novo valor "os una", que desconsiderou a iminência da perda e possibilitou um novo redimensionamento no tempo permitindo que os membros pudessem aproveitar esta reconstrução no sistema familiar.

Discussão

A epistemologia sistêmica, como compreensão do processo de conhecimento, nos permite entender a multidimensionalidade dos fenômenos, seus comportamentos e suas relações inseridas em um contexto, a cibernética nos leva a conhecer a pauta e a organização das interações. Logo, uma não pode ser concebida sem a outra

Um contexto, que necessariamente deve ser considerado em nossas observações, pois, segundo Bateson (1986), é ele que dá o significado aos fenômenos observados. Se descontextualizadas, palavras, ações e comportamentos, produzem significados diferentes.

A família como "um sistema em constante transformação" (ANDOLFI, 1980, p.21) se adapta as diferentes exigências de seu ciclo de desenvolvimento produzindo mudanças. São essas transformações que permitem a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros. Como um sistema autônomo, se organiza com a finalidade de manter a

organização que a define e seus elementos se inter-relacionam formando um todo. Esse todo é composto por seus elementos que se relacionam continuamente através de suas qualidades e de acordo com o contexto que está inserido.

Ao concebermos a família como um sistema “como um todo organizado, isto é, como um sistema de interação que supera e articula dentro dela os vários componentes individuais” (ANDOLFI, 1980, p.19), percebemos que as ações se fundem para gerar a interação. Nesse sentido podemos dizer que para toda ação existe uma reação, e diante dessa reação existe outra ação e assim sucessivamente. Logo, para descrevermos essas ações sempre precisamos considerar os “dois lados da relação para se gerar uma idéia de relação em seu conjunto” (KEENEY, 1997, p.60). Esse processo foi denominado por Bateson (1986) como visão binocular ou dupla descrição.

A dupla descrição, quando relacionadas entre si, nos permite distinguir as pautas e a relação no sistema interativo da família. Para se ter uma espécie de equilíbrio faz-se necessário a combinação das interações simétricas e complementares. As relações simétricas se formam para diminuir as diferenças entre os indivíduos que dela participam. Geralmente são interações descritas através de competições e rivalidades. As complementares são as interações cujas ações tendem a aumentar as diferenças dos indivíduos participantes, mas uma se amolda à outra. Ao observarmos essas pontuações em seqüência, a dupla descrição da interação, tem-se a possibilidade de descobrir a pauta que as conecta como descreve Keeney (1997).

Um procedimento que nos indica que a seqüência de ações nos permite conhecer a pauta de interação e através delas também percebemos que seu modo de funcionar complementar é estabelecido por regras que são construídas por mitos, crenças e sintomas.

No início da vida conjugal, no caso em questão, os parceiros distantes de suas famílias de origem, Osmar inicia suas primeiras escapadelas para os bailes de forró, nos fins de semana. Um comportamento que, muitas vezes o fez retornar para a casa, um ou dois dias depois. Em decorrência, essa atitude do companheiro provocava brigas imensas que chegavam a durar vários dias.

Entre o retorno para a casa e a trégua nas brigas, já se aproximava mais um fim de semana e, novamente a bebedeira, as brigas e o forró. “Um tinha ódio do outro... eu tinha ódio do cheiro de pinga”, disse Elza. Um movimento que nos mostra a recursividade da pauta de interação do casal: Osmar foge, Elza fica com raiva. Ele retorna, ela fica indiferente. Sem atenção, ele bebe e torna a sair e, assim, recursivamente o sistema conjugal se retroalimentava.

O processo terapêutico contribuiu para a reconstrução da conjugalidade, permitindo que os vínculos afetivos, até então encobertos pudessem se manifestar, como descritos por Bertin (2004, p.116) “as diversas fases da doença ativavam nos parceiros elementos que os levavam a atuar em duas polaridades: a construção e a desconstrução dos vínculos afetivos”. Um espaço que possibilitou falar das tristezas, das alegrias, das dores, dos segredos, das vergonhas, dos desejos e, assim, reconstruir seus laços afetivos, proporcionando uma melhor qualidade de vida ao paciente e seus familiares.

Uma condição que também nos remete aos resultados encontrados por Bertin (2004, p.132) quando diz que “o retorno ao passado faz vir à tona outra parte da história que estava, até então, oculta: uma história de carinho, proteção e proximidade”.

E nós, enquanto seres humanos vivemos e atuamos na emoção. Um emocionar que é “a vida que vivemos, o que somos e o que chegaremos a ser – e também o mundo ou os mundos que construímos com o viver e o modo como os vivemos – são sempre o nosso fazer” (MATURANA, 2004, p.110). Desta forma, num sistema, no qual cliente e terapeuta se influenciam, pois “são membros de um universo participativo em que cada um deles contribui para a construção e manutenção de uma realidade terapêutica” (KEENEY, 1997, p.70).

Nessa medida o terapeuta é parte de um sistema no qual sua conduta se conecta recorrentemente com a da família e, o encontro terapêutico segundo Andolfi (1996, p.65) se torna “um processo de conhecimento graças ao qual cliente e o terapeuta constroem, pela sua interação, novos significados, pontuando de modo diverso os eventos”.

Conclusão

A realização da pesquisa que originou este artigo exigiu um percurso que permitiu utilizar os conhecimentos adquiridos no curso de Terapia Familiar da Univap e vivenciá-los na prática, com e através da história da família.

Um estudo que nos permite compreender a importância do trabalho terapêutico com a família que tem um de seus membros acometidos por uma doença grave. A complexidade implicada nesse processo pôde ser melhor elucidada através das teorias sistêmica-cibernética aplicadas à abordagem da família possibilitando conhecer a multidimensionalidade dos fenômenos implicados.

Sem dúvida, o trabalho terapêutico com famílias na iminência da perda de um membro é uma experiência muito dolorosa para todos os participantes. Esse processo nos exige apreender o valor do tempo numa outra dimensão, pois tempo e temporalidade ecoam como um pêndulo

caótico ora revelando a vida, ora revelando a morte. Porém, essa variável institui um novo valor ao tempo significando uma possibilidade para a família transformar minutos e horas, horas em dias, dias em meses, permitindo um novo arranjo ao sistema familiar e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida ao paciente.

A família Silva ao reconstruir sua afetividade, pôde transformar seu espaço de convivência e, entre outras, concretizar o temido sonho de realizar o casamento. Seus membros puderam viver e conviver com dimensões que até então não podiam acessar.

No sentido mais geral, esperamos que o mesmo traga contribuições aos profissionais da saúde, permitindo gerar novas reflexões sobre a família no processo do adoecer.

Referências

ANDOLFI, M. **A terapia familiar**. Lisboa: Veja Universidade, 1980.

_____. **A linguagem do encontro terapêutico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BATESON, G. **Mente e natureza**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

ELKAIM, M. **Se você me ama, não me ame**: abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal. Campinas: Papirus, 1990.

FONSECA, J.P. **Luto antecipatório**: experiências familiares diante de uma morte anunciada. In: Família e Comunidade. São Paulo vol.1 nº 1.

KEENEY, B.P. **A estética da mudança**. Campinas: Psy, 1997.

LEMOS, A.P.; BERTIN, I.P.; GEBARA, O. **Tramas, enredos e contexto específicos de Famílias brasileiras**: uma pesquisa qualitativa, sistêmica e interdisciplinar. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e Brincar** - fundamentos esquecidos do humano. Palas Athenas, 2004.